



Inferno no nevoeiro

Inesperadamente, a visibilidade caiu a zero; nos momentos que se seguiram, o heroísmo de um homem sobressaiu como um farol na escuridão

PETER MICHELMORE

O PATRULHEIRO Cornel Plebani, do Estado de Nova Jersey, homem de musculatura sólida, rosto simpático e cabelos negros cortados curtos, tinha motivo para fazer um balanço de sua vida enquanto guiava em direção ao trabalho, na noite de 23 de outubro de 1973. Era seu 36.º aniversário e ele estava alegre. Havia sobrevivido a dois anos como fuzileiro no Vietnam, retornara para realizar seu sonho de infância (tornar-se patrulheiro), casara com a

loura mais bonita de sua cidade natal e já tinha um lindo filho. Nunca mais haveria de enfrentar o tipo de riscos que encontrara no Vietnam, rastejando através de território inimigo.

A noite estava limpa e fria quando Plebani se apresentou para o turno das 11 da noite às 7 da manhã, em que iria fazer o patrulhamento dos 50 quilômetros da barreira de pedágio de Nova Jersey, ao norte de Newark, trecho que conduz às duas principais vias de acesso a Nova York.

Embora ele e seu companheiro, Tony Simonetti, ainda não soubessem, essa noite iria tornar-se a mais catastrófica na história daquela área. Ao amanhecer, haveria mais de 60 veículos destruídos, 9 mortos e 37 feridos.

O primeiro acidente da noite foi horrível. Três carros e quatro caminhões, que se dirigiam para o sul, chocaram-se uns contra os outros num trecho coberto pelo nevoeiro. No meio do engavetamento, Robert Musto, de 18 anos, ficou preso em seu carro. Plebani quebrou uma janela e entrou para aquecer com cobertores e acalmar o rapaz que morria. Até que o pessoal da ambulância chegasse, 20 minutos depois, Plebani não se moveu do lugar, embora a gasolina que vazava dos tanques furados corresse por baixo do carro. «Santo Deus!», exclamou um homem da ambulância. «Uma faísca e você teria voado pelos ares!»

O nevoeiro continuava a se alastrar à medida que a temperatura caía. Voltando ao quartel-general da Patrulha D, o sargento Gary Buriello mandou colocar sinais luminosos na estrada avisando: REDUZA A VELOCIDADE. NEVOEIRO À FRENTE. O que Buriello não sabia era que a queima de lixo num vazadouro perto do local do acidente estava lançando uma espessa fumaça no nevoeiro que se adensava, criando uma enorme nuvem negra. Invisível à noite, essa nuvem havia ascendido, encontrado uma massa de ar quente mais acima e então, lentamente, se avolumara e descia agora em direção à estrada, onde o fluxo de trânsito parecia crescer cada vez mais.

À 1:50 da madrugada, com o nevoeiro cada vez pior, Buriello mandou que os patrulheiros bloqueassem o tráfego que entrava na barreira de pedágio pelo setor de Newark, mas o sargento tinha ainda que se preocupar com a segurança de centenas de motoristas que já haviam passado a barreira, seguindo adiante sem consciência do perigo à sua frente. A sorte favorecia os que viajavam em direção ao sul. No nevoeiro cerrado, os limpadores de pára-brisa estavam funcionando e os veículos seguiam cautelosamente. Para os que viajavam em direção norte, contudo, vindos de um terreno mais alto, não havia nenhum nevoeiro para alertá-los.

Emory Burton, de 34 anos, robusto motorista de caminhão, conduzindo uma carreta carregada de papel de jornal, viu as luzes de tráfego prevenindo do perigo alguns quilômetros depois de Newark, e tentou, sem conseguir, obter através do rádio alguma informação sobre as condições do tempo na área. O companheiro de Burton, James Wagner, homem magro e de óculos, vinha atrás com um segundo carregamento de papel de jornal. À frente dos dois, Bill Diegel ia ao volante de um enorme caminhão com uma carga de uísque. Dois pesados caminhões-tanques com asfalto quente se arrastavam lentamente pela pista da direita. Wesley East, conduzindo um furgão do correio, avançava lentamente atrás de uma «perua» dirigida por Casper La Marca, de 44 anos.

Dessa compacta corrente de tráfego em direção norte vinha o baru-

lho de 40 automóveis e caminhões, a maior parte rodando a cerca de 80 quilômetros por hora. Precisamente à frente deles, segundo a segundo, o enorme manto de nevoeiro e fumaça baixava cada vez mais. Dez metros acima da estrada, depois cinco metros — e, de repente, a imensa nuvem negra baixou até o solo.

Os «olhos-de-gato» ao longo da estrada refletiam a luz dos faróis dos carros que vinham se aproximando, mas, de repente, também deixaram de brilhar. Numa extensão de centenas de metros, a barreira estava mergulhada numa escuridão apavorante. Assim que a cortina negra caiu sobre a estrada, caminhões e automóveis se chocaram numa série de colisões ensurdecedoras. Os veículos deslizavam, rodopiavam, capotavam, lançando cargas, vidros e pneus em todas as direções.

Casper La Marca, percebendo um vulto atravessando a estrada, deu uma guinada brusca no volante de sua peruca, foi de encontro a um caminhão e parou. Jogando o corpo contra a porta, conseguiu sair, mas, atingido pelos estilhaços que voavam, foi arremessado sob a carroçaria de um caminhão em movimento. Com incrível presença de espírito, rolou para o centro do veículo para escapar das rodas traseiras. Nesse instante, vislumbrando a guarda de segurança, pintada de branco, à beira da estrada, trepou por ela e pulou para o terreno pantanoso em baixo.

Wesley East não teve tanta sorte. Todo o teto da cabina do seu furgão do correio foi arrancado na colisão,

e ele morreu ao volante. Atrás dele, o caminhão de Bill Diegel foi violentamente amassado pelo impacto, lançando Diegel, sem vida para a estrada. Dick Zimmerman e John Mott também morreram nos caminhões-tanques carregados de asfalto, que haviam estourado e esguichavam piche quente sobre a rodovia. As fagulhas produzidas pelo atrito de metais e os curtos-circuitos inflamavam o óleo Diesel e a gasolina que jorravam de todas as direções e logo o piche e o uísque derramado provocaram um incêndio de grandes proporções. Muitos dos sobreviventes não conseguem lembrar-se de mais nada do desastre a partir desse momento.

Durante vários minutos, quem ficara de fora daquela nuvem negra de morte não sabia o que estava acontecendo. O motorista de um caminhão de combustível, preso no congestionamento de tráfego na pista que se dirigia para o sul, conseguiu comunicar com Newark através do rádio, informando que pensava ter visto uma explosão no meio do nevoeiro à sua frente. Ouvindo a mensagem, Simonetti e Plebani dirigiram-se imediatamente para o local e chegaram ao engarrafamento de tráfego para sul abrindo caminho com os faróis acesos e as sirenas ligadas. Os motoristas, que haviam abandonado seus carros, corriam em direção a eles, agitando freneticamente os braços: «Caminhões-tanques em chamas!», gritavam, «Está tudo explodindo!»

Antes mesmo que Simonetti estacionasse o carro, já Plebani havia saído e corria, com a perna tateando na

guarda de segurança da rodovia para se orientar na escuridão. Ele ouvia gritos, gemidos e o crepitar de chamas, mas não conseguiu ver nada senão quando uma rajada de vento afastou a fumaça, que voltou a cair outra vez. À distância, bem à sua frente, percebeu destroços fumegantes e sombras de pessoas perambulando.

Agarrou seu rádio: «Temos uma confusão dos diabos, Tony», informou a seu colega. «Chame Newark», continuou. «Preciso de socorros reforçados. Há um *trailer* todo amassado e um caminhão-tanque espalhando gasolina na estrada, com a cabina es-traçalhada. Há pelo menos mais três caminhões esmagados. Estamos todos mergulhados em fumaça aqui. Não vemos um palmo à frente.»

Então, Plebani desligou novamente. Metendo-se por entre os escombros, encontrou um motorista de caminhão torcido no assento, com o peito e rosto sangrando. Rastejando sobre a frente amassada da cabina, o patrulheiro retirou o motorista através da janela quebrada, carregando-o para o carro da radiopatrulha. O homem, cujo nome Plebani jamais ficou sabendo, estava tremendo e recuperando a consciência. Antes de deixá-lo, o patrulheiro envolveu-o com sua própria jaqueta do uniforme.

Em seguida, Plebani encontrou o furgão do correio, com Wesley East morto dentro da cabina. A carroçaria de um caminhão à esquerda estava em chamas e o furgão poderia ir pelos ares a qualquer momento. Mesmo assim, o patrulheiro agarrou East e arrastou o corpo para lugar seguro.

No meio da pilha de destroços incandescentes, Plebani ouviu um pedido de socorro. «Continue chamando para que eu possa encontrá-lo», gritou o patrulheiro em direção ao escuro. Então, ouviu novamente o grito de angústia, atrás de uma carroçaria completamente envolta em chamas. Sem pensar nas conseqüências, Plebani agachou-se e passou rapidamente sob o caminhão em labaredas. Do outro lado, uma cabina sem teto, separada da carroçaria, estava cercada por um anel de fogo — e, dentro dela, o motorista que havia gritado por socorro.

«Você é médico? Pode me ajudar?», implorou o homem.

«Vamos tirá-lo daqui», respondeu Plebani, subindo pelo alto da cabina. Segurou o motorista, içou-o por cima da capota e juntos deslizaram pelo pára-lama para o chão. O chofer do caminhão tentou pôr-se em pé, mas deu um grito de dor e desmaiou.

Preciosos minutos haviam se escoado. A saída por baixo da carroçaria estava quase fechada. Do assoalho do caminhão caíam pedaços de madeira ardendo e toda a carroçaria ameaçava ruir a qualquer momento. Plebani voltou agachado para baixo do caminhão, arrastando o homem consigo. Podia sentir o cabelo sendo chamuscado e o rosto queimado. Dois metros, três metros. De repente, estava fora, em pé, libertando o chofer, no exato momento em que a carroçaria desabava sobre a estrada.

Quando saiu, Plebani viu Simonetti cuidando dos feridos que iam logrando se libertar dos destroços. O suplemento de oxigênio e ataduras de Si-

monetti estava esgotado, e não havia sinais de ambulâncias. «Só Deus sabe quando poderão chegar», disse Simonetti. «A visibilidade é nula.»

Plebani penetrou de novo no inferno. Numa das cabinas, não conseguia vencer portas esmagadas; em outra, o fogo mantinha-o à distância. Então, no meio de uma poça de piche à beira das chamas, descobriu o corpo de Bill Diegel, numa pilha de destroços. Estava caminhando indeciso, com a carga de 95 quilos sobre os ombros, quando foi atingido nas costas por um grande pedaço de pneu lançado de um carro que explodiu.

Nessa altura, um destacamento de bombeiros da vizinha cidade de Kearny, Nova Jersey, havia conseguido chegar até o local do acidente, e os homens corriam a ajudar. O Capitão Stanley Paradowski segurou Plebani pelo braço, animando-o: «Calma, devagar! Você está ferido. Vamos levá-lo para uma ambulância.» Paradowski via a camisa do jovem empapada de sangue, seu cabelo chamuscado em tufo cinzentos, seu rosto queimado e enrubescido.

«Não, não», replicou Plebani. «Há ainda pessoas presas nos destroços. Preciso de macacos hidráulicos.»

Os olhos de Paradowski brilharam de impaciência: «Quem é você?», perguntou.

«Patrulheiro Plebani, capitão.»

Paradowski fez um gesto como que cumprimentando-o. «Certo, patrulheiro. Mostre-nos o caminho.»

Varando a madrugada até bem depois do amanhecer, Plebani trabalhou com a turma de bombeiros, resgatan-

do mais motoristas que tinham sido vítimas do terrível acidente. Saiu apenas uma vez para inalar oxigênio, mas logo voltou à luta, até que, finalmente, Buriello lhe ordenou que fosse descansar no carro da radiopatrulha.

ALGUMAS semanas mais tarde, o sargento Frank Maggion, da Patrulha D, escreveu um relatório: «O patrulheiro Plebani», dizia o documento, «foi muito além da frágil fronteira que separa o trabalho normal de um policial de um ato de puro heroísmo. Propomos que lhe seja atribuída uma condecoração como prêmio de sua corajosa atuação no cumprimento do dever.»

Passaram-se várias semanas antes que Sharyn, mulher de Plebani, lesse o relatório e soubesse afinal toda a história. Durante a manhã do dia 24 de outubro, ela havia esperado que o marido voltasse para levar Cornel Júnior e ela a uma parada. Ela não conseguira localizar Plebani. Do posto de Newark apenas informaram que ele ainda estava investigando o acidente.

Sharyn e Cornel Júnior assistiram à parada sozinhos. Quando voltaram, às dez e meia da noite, Plebani havia acabado de tomar uma ducha e estava sentado à mesa bebendo café. Ela viu-lhe os cabelos chamuscados e o rosto vermelho. Seu coração estava pulando, quando se dirigiu para ele e o beijou.

«E você como está se sentindo?», perguntou.

«Bastante bem», disse ele com voz rouca. «Foi apenas um longo dia.»